

# Sylvia Plath – O caçador de coelhos

Era um lugar de força –  
O vento amordaçando minha boca com meus cabelos revoltos,  
Arrancando minha voz, e o mar  
Me cegando com suas luzes, a vida dos mortos  
Se desenrolando nele, se espalhando como óleo.

Provei a perversidade da urze,  
Seus espinhos negros,  
A extrema-unção de suas flores, velas amarelas.  
Tinham eficiência, uma beleza imensa,  
E eram extravagantes, feito a tortura.

Só havia um lugar para se chegar.  
Fervendo, perfumadas,  
As trilhas se estreitavam no vale.  
E as armadilhas quase se apagavam –  
Zeros, fechando-se no nada,

Bem perto, como contrações de parto.  
A ausência de gritos  
Abriu uma cratera no dia quente, um vazio.  
A luz vítrea era uma parede clara,  
Moitas quietas.

Senti um movimento calmo, uma intenção.  
Senti mãos em volta de uma caneca de chá, torpes, gumes cegos,  
Tocando a porcelana branca.  
Como esperaram por ele, aquelas pequenas mortes!  
Esperaram como namoradas. O excitaram.

E nós, também, tivemos uma relação –  
Arames tesos entre nós,  
Estacas profundas demais para se arrancar, e a mente como um  
anel

Deslizando fechado sobre algo fugaz,  
A pressão me matando também.

**Sylvia Plath, Ariel**